



**JUVENTUDE RURAL NO IFNMG – CAMPUS ARAÇUAÍ: DESAFIOS E  
PERSPECTIVAS DOS JOVENS RURAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO TÉCNICA**

Fabiano Rosa de Magalhães<sup>1</sup>

**INTRODUÇÃO**

O Instituto Federal do Norte de Minas (IFNMG) – *Campus Araçuaí* encontra-se inserido no Médio Vale do Jequitinhonha. Sua proposta de criação sustentou-se nos anseios da sociedade organizada, tendo em vista, sobretudo, a perspectiva de um ensino tecnológico de qualidade e que fosse capaz, por isso, de fomentar o desenvolvimento regional. Criado oficialmente no ano de 2008 e incorporado do IFNMG em 2009, o *Campus Araçuaí*<sup>2</sup> tem sua origem associada às demandas de movimentos organizados do Vale do Jequitinhonha, numa aposta de que a chegada de universidades e Institutos Federais poderia impulsionar o desenvolvimento socioeconômico da região.

Quanto ao Vale do Jequitinhonha é preciso que se apresente uma breve caracterização, já que uma das análises que se pretende extrair da pesquisa é precisamente fazer determinadas considerações a partir do próprio propósito que vincula-se à existência do *Campus*. Consideraremos para efeito de nossas análises, os 17 municípios que integram o denominado Médio Jequitinhonha, compreendendo, portanto, a área de abrangência do próprio *Campus Araçuaí*. Em linhas gerais essa região apresenta os mais baixos índices de desenvolvimento regional do estado de Minas Gerais, apresentando uma média de 0,6<sup>3</sup> Índices de Desenvolvimento Humano (IDH), quando a média de Minas Gerais e do Brasil é de 0,7.

Dentro da dinâmica da divisão regional do trabalho, o Vale do Jequitinhonha participa enquanto ofertante de mão-de-obra. Marcado pela intensa migração inter-

1 Mestre em Ciências Sociais. Professor do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais /IFNMG – Campus de Araçuaí. Coordenador do projeto de pesquisa “Juventude Rural no IFNMG – Campus Araçuaí.: Desafios e Perspectivas dos Jovens Rurais no Contexto da Educação Técnica”. Endereço eletrônico: fabiano.magalhaes@ifnmg.edu.br

2 A área de abrangência do *Campus* compreende 17 municípios, a saber: Araçuaí, Berilo, Cachoeira do Pajeú, Chapada do Norte, Comarcinho, Coronel Murta, Francisco Badaró, Itaobim, Itinga, Jenipapo de Minas, José Gonçalves de Minas, Medina, Novo Cruzeiro, Padre Paraíso, Pedra Azul, Ponto dos Volantes, Virgem da Lapa.

3 O índice vai da escala de zero (pior índice) e 1 (um) o índice ideal.



regional e interestadual, seja ela do tipo sazonal, com a saída de trabalhadores para o trabalho agrícola no estado de São Paulo e nas regiões do Triângulo Mineiro e Sul de Minas; seja a migração permanente, iniciada muitas vezes com a saída dos jovens em busca de estudos nas instituições de ensino espalhadas pelo país afora. Essa dinâmica traz implicações socioculturais que podem ser avaliadas sob as mais diversas óticas. Diversos trabalhos já foram dedicados a essa temática, dentro os quais destacamos o de Maia (2000), que trata da relação entre gênero e migração, considerando as implicações socioculturais para os que vão e os que ficam.

Tal aspecto nos interessa, sobretudo quando a questão se cruza com a temática da juventude rural. De fato, o que precisamos guardar aqui é que os jovens não encontram (ou pelo menos não encontravam – eis uma questão importante a ser levantada) motivos para se fixarem no Vale do Jequitinhonha. Sem perspectivas, seja sob o ponto de vista do mercado de trabalho, seja para dar continuidade aos projetos de estudos, os jovens decidem procurar alternativas em outras regiões.

Uma questão importante se coloca: a chegada dos Institutos Federais e das Universidades – Particularmente a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – têm produzido a alteração dessa dinâmica que afeta particularmente os jovens?

Certamente a migração se coloca tanto para os jovens urbanos, quanto os jovens rurais. Com efeito, do ponto de vista sociológico, a saída do jovem rural para viver em outras regiões, coloca em evidência questões particulares associadas à reprodução social da vida no campo. E aí vale considerar alguns aspectos relacionados ao Vale do Jequitinhonha, em particular na área de abrangência que mencionamos acima.

Assim, outro dado importante acerca do Médio Jequitinhonha é que tal região é marcada pela presença de uma agricultura familiar muito significativa. Neste sentido, Graziano e Graziano Neto (1983) já identificavam nessa região os fundamentos de uma agricultura camponesa muito peculiar, com características que marcam culturalmente, politicamente e ideologicamente a vida do homem rural do Vale. Certamente é um traço que vem mudando com o tempo, não obstante ainda com a persistência da vida camponesa ou na perspectiva da agricultura familiar, em que pese as distintas definições que os dois conceitos comportam.

Feitas as considerações acima, podemos entrar agora na temática da juventude rural. Diante do exposto, gostaríamos de destacar duas questões apropriadas ao assunto. A primeira diz respeito à sucessão rural, ou mais precisamente, a perspectiva de continuação das atividades rurais pelas gerações mais novas. Essa temática permite elaborar a seguinte questão a ser pensada no âmbito da pesquisa: se o jovem rural decide sair do campo que



implicações isso trará, a médio e longo prazo para o futuro da agricultura familiar?

A outra questão diz respeito à condição de gênero. Sob o ponto de vista da migração sazonal, quem sai, na maioria das vezes, é o homem. Para efeito da nossa pesquisa junto ao *Campus Araçuaí*, considerando alunos matriculados e frequentes em julho de 2016, notamos que a imensa maioria (75%) é de jovens do sexo feminino, fato que vai em direção diferente dos dados relativos à migração para trabalho<sup>4</sup>.

As análises feitas com estudantes da zona rural inseridos no *Campus*, torna-se um elemento importante para os Institutos Federais, sobretudo aqueles que lidam com tecnologias ligadas à terra. É o caso de alguns *campi* do IFNMG, dentre os quais situamos o *Campus Araçuaí*. Neste, parte da formação técnica volta-se para as ciências do campo, sendo dos quatro cursos técnicos ofertados em 2016, três deles são voltados para o eixo agrário<sup>5</sup>.

É precisamente este o universo que nos interessa, ou seja, os estudantes oriundos da zona rural e que se encontram no IFNMG – *Campus Araçuaí*. O que nos motivou ir a campo para realizar nossas análises é necessidade de compreender o universo de inquietações e perspectivas (projeto de vida) trazidas por estes alunos e como os mesmos vão sendo reelaborados a partir da interação com o modo de vida da cidade. Movidos por algumas indagações, propusemos traçar o imaginário do jovem proveniente do meio rural, buscando perceber como esse imaginário, evidentemente povoado por suas perspectivas iniciais, vai se refazendo a partir do contato, seja do mundo urbano, representado pelos colegas oriundos da zona urbana, bem com a própria inserção no âmbito da cidade, com suas especificidades.

Nossa hipótese inicial foi que tal interação fomenta não uma perspectiva de retorno ao campo, mas sim uma abertura de possibilidades que capturam o jovem rural à sua órbita. O termo que nos vem à mente é “Campo de possibilidades”, levantado por Velho (2003). Este autor nos informa que conhecer coisas, pessoas e lugares abre um leque de possíveis trilhas para a formação da identidade de uma pessoa.

## METODOLOGIA

O que se tem procurado analisar através dos questionários e entrevistas são os

4 De um universo de 197 alunos matriculados em 2015, 06 alunos eram oriundos da zona rural, destes 5 eram mulheres. Os dados de que dispomos foram fornecidos pela secretaria do *Campus*.

5 Esses cursos são: técnico em Meio Ambiente, Agroecologia e Agrimensura.



significados e impactos simbólicos e materiais da transição entre o rural e o urbano. Para captar essa passagem, a pesquisa valeu-se dos seguintes recursos metodológicos:

a) Aplicação de questionário a todos os alunos provenientes da zona rural. O universo considerado foram os 276 alunos frequentes e regularmente matriculados nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no mês de julho do ano letivo de 2016.

b) Aplicação de entrevista, baseada na metodologia de grupo focal, constituído amostralmente partir das seguintes variáveis: sexo, curso, série.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Posto que a juventude, conforme definição de alguns autores (DAYRELL 2007; PAES, 1993), guarda especificidades enquanto cultura própria, com suas formas típicas de expressão, marcadas por estilos e sociabilidade bem peculiares, então a juventude rural também pode ser analisada sob esse ponto de vista.

De início, podemos dizer que a relação homem-natureza é um elemento importante para a realização cultural do homem do campo. No meio rural a noção de espaço e tempo é distinta; Assim, a socialização do menino ou menina na roça passam a ser também marcados pelo contato amplo com o mundo físico. Não se trata de um dado fixo e imutável, já que a própria dinâmica proporcionada pelas tecnologias de informação tende a embaralhar os elementos outrora marcantes na constituição da identidade do jovem rural.

A chegada do jovem rural ao Instituto merece ser acompanhada pelo pesquisador, já que representa, em termos sociológicos, um raro momento de transição. Para o aluno rural, as primeiras semanas são marcadas por uma sensação angustiante de desamparo, conforme alguns alunos nos relatam informalmente. Encontra-se ele longe de casa e na presença de colegas estranhos, muitos dos quais de outras localidades. Mas a transição não é marcada só pela insegurança face ao novo. Também é momento em que se descortinam novas possibilidades associativas e culturais.

De toda sorte, a questão que nos prende aqui é a miríade de possibilidades que se abre para estes estudantes recém-chegados. Para o jovem rural, a inserção no ambiente urbano significa também uma incorporação de linguagens, gestos e até estilos. Tal situação de mudança nos remete ao trabalho em que Durham (1984) buscou compreender a passagem de jovens trabalhadores do meio rural para o urbano.



Esta passagem é significativa e merece ser captada através de uma pesquisa. Para nossa investigação, esta ideia parece bem adequada. Assim, a própria mudança do jovem rural para a cidade de Araçuaí, além do contato com uma vastidão de assuntos e possibilidades profissionais, por vezes chocam-se com as expectativas iniciais do jovem estudante.

Há aspectos positivos e negativos desta situação. Positivos são os aspectos ligados à construção da autonomia, fato notoriamente apresentado pelos alunos e ex-alunos. Caberá à pesquisa captar esse aspecto. O Instituto Federal representará, para muitos, uma oportunidade de conhecer lugares e pessoas, hábitos e atitudes que não estavam circunscritas na sociabilidade relacionada ao mundo rural.

Não obstante, não há como deixar de considerar os aspectos negativos. Um deles, talvez o mais impactante, diz respeito ao problema da sucessão rural, ou seja, muitos estudantes não retornam às atividades rurais, ou o que é pior, muitos não retornam às suas comunidades de origem para atuarem como técnicos cuja formação obtiveram durante a estadia na instituição.

Isso posto, a pesquisa quantitativa revela que apenas 5,8% de universo pesquisado são provenientes do meio rural. Revela-se uma proporção pequena de estudantes rurais, contrastando com a forte presença de uma população rural na área de abrangência do *Campus* Araçuaí, que, no conjunto, chega a 54% em relação à população total (BRASIL, 2010). Revela-se o baixo impacto da instituição junto à população rural, não obstante o *campus* ofereça cursos ligados à área agrária. Sendo assim o baixo número de estudantes provenientes da zona rural, pode ser inclusive revelador de dinâmicas que escapam à própria lógica dos agentes públicos e da sociedade civil organizada que demandavam a criação do *Campus*.

## CONCLUSÃO

A pesquisa com jovens rurais inseridos no IFNMG – *Campus* Araçuaí não pretendeu produzir generalizações acerca do jovem rural. Todavia, dentro da perspectiva de iniciar uma reflexão sobre a juventude rural do Vale do Jequitinhonha, considerando-se ainda os princípios que fundamentaram a instalação de um Instituto Federal na cidade de Araçuaí, além das questões associadas à migração e à existência de uma agricultura familiar, tudo isso junto faz com que a temática apresente a sua vitalidade.



Assim, as informações coletadas poderão ser, ao invés de ponto de chegada, ponto de partida, já que suscitam novas perguntas para a questão do jovem rural.

Palavras-chave: Juventude rural. Escolas técnicas. Institutos Federais. Sucessão rural.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: abr. 2017.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DUHRAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

GRAZIANO, E. GRAZIANO NETO, F. As condições da reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha. **Perspectivas**, São Paulo, 6:85-100, 1983.

MAIA, Cláudia de Jesus. **“Lugar” e “Trecho”**: migrações, gênero e reciprocidade em comunidades camponesas do Jequitinhonha. Tese de Doutorado. UFV, 2000.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.